

# CONSIDERAÇÕES HISTÓRICO-SOCIOLÓGICAS ACERCA DO BASQUETE DE RUA E SUAS POSSÍVEIS RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

*Historical and sociological considerations about streetbasketball and its possible relationships with Physical Education at School*

Felipe Canan<sup>1</sup>, Rogério Vaz da Silva<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Docente dos Cursos de Educação Física da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, Paraná.

<sup>2</sup>Discente do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, Paraná.

**Resumo:** O basquete de rua surgiu como forma informal de se praticar o basquetebol tradicional e se transformou em prática própria, ressignificada por instituições e agentes envolvidos. Os objetivos da pesquisa pautaram-se em contextualizar o basquete de rua, relacioná-lo ao contexto escolar e identificar se existe demanda e utilização do mesmo nas aulas de Educação Física escolar em um município interiorano. A pesquisa se dividiu em duas partes: a primeira, teórica, utilizou análise histórico-sociológica para contextualizar o basquete de rua e estabelecer possíveis relações com a escola; a segunda, empírica, adotou pesquisa descritiva de cunho quantitativo, e utilizou como instrumento, questionário criado especificamente para tal, buscando verificar qual o comportamento dos professores de Educação Física do município de Marechal Cândido Rondon-PR (N=11) em relação ao basquete de rua. Identificou-se que basquete de rua é uma manifestação esportivo-cultural complexa, ressignificada por diferentes formas de manipulação de diferentes instituições, como mídia, investidores e organizações sociais, e que é apropriado de diferentes maneiras por diferentes agentes. No contexto escolar, pode se apresentar como conteúdo complementar, pois além de se caracterizar como uma manifestação da cultura de movimento, apresenta possibilidades de discussão crítica social. No cenário pesquisado, os professores pouco conhecem e utilizam o basquete de rua como conteúdo escolar e não percebem demanda para sua utilização. Assim, o basquete de rua não se apresenta relevante no contexto pesquisado, mas pode ser considerado conteúdo importante, sob a ótica de suas transformações sociais, em cenários onde esteja mais presente..

**Palavras-chave:** Campo esportivo; Mídia; Cultura corporal.

**Abstract:** Streetball emerged as an informal way to practice the traditional basketball and turned into own practice, re-signified by involved institutions and agents. The research objectives guided in contextualizing the streetball, relate it to the school context and identify if there is demand and utilization in physical education classes at a backwoods town. The research was divided into two parts: the first, theoretical, that used historical-sociological analysis to contextualize the streetball and establish possible relationships with the school; the second empirical, adopted a quantitative descriptive research, and used as a tool, questionnaire created specifically for this, in order to verify that the behavior of physical education teachers from Marechal Cândido Rondon, PR (N = 11) relative to streetball. Identified that streetball is a complex manifestation of sport and culture, re-signified by different ways of handling different institutions like media, investors and social organizations, and what is appropriate in different way by different agents. In the school context, can be presented as complementary content, because in addition to characterize as a manifestation of movement culture, presents possibilities for social critique discussion. In the scenario studied, teachers know and use a little of streetball as a school content and not perceive demand for its use. So, the streetball is not relevant in the present context researched, but can be considered important content, from the perspective of their social transformation, in scenarios where longer present.

**Keywords:** Sport field; Media; Body culture.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema central, o *streetball* ou basquete de rua, prática esportivo-cultural oriunda e difundida em meio aos grandes centros urbanos, principalmente em suas regiões periféricas. O basquete de rua pode ser caracterizado sob duas concepções: prática informal do basquetebol tradicional; ou prática própria, que detém elementos do basquetebol tradicional, mas diferencia-se do mesmo em alguns aspectos, possuindo signos e códigos próprios.

A justificativa para a pesquisa está calcada na idéia de que o basquete de rua passou por transformações tais, que o tornaram objeto de interrelações sociais diversas, capazes de influir no modo de ver e agir dos agentes relacionados tanto ao basquetebol quanto ao movimento *hip hop*, podendo, assim, ser abrangido como possível objeto de estudo da cultura corporal escolar.

Dessa forma, buscou-se tanto estabelecer uma problematização conceitual e praxiológica, calcada em referenciais, sobretudo, da sociologia, quanto aproximar o tema a possibilidades de inserção como conteúdo escolar. Para tanto, dividiu-se o trabalho em duas partes:

A primeira, teórica, pautada em uma análise histórico-sociológica, com objetivo de esclarecer e analisar criticamente o que é e como surgiu e se difundiu o basquete de rua na sociedade, primeiramente no contexto norte-americano e posteriormente no caso específico do Brasil; e a segunda, empírica, buscando identificar possíveis relações do basquete de rua com a educação formal - entendendo-o como possível objeto de estudo da cultura corporal contemporânea (COLETIVO DE AUTORES, 1992; DOMINGUES; CRUZ; MARCHI JUNIOR, 2005; DUARTE, 2008) - e, ao mesmo tempo, buscando identificar se efetivamente existe a necessidade e/ou a possibilidade de uma intervenção pedagógica a respeito em uma localidade que não se caracteriza como um grande centro urbano.

Para possibilitar tal formatação, optou-se pela descrição da metodologia antes da revisão de literatura, uma vez que esta se presta a tecer uma discussão crítica a respeito do tema e não exclusivamente um relato analítico de obras já publicadas a respeito.

Para nortear a discussão, partiu-se de um problema central, que questiona: os professores de Educação Física da rede estadual de ensino da zona urbana de Marechal Cândido Rondon-PR, conhecem o basquete de rua e o utilizam em suas aulas?

Partiu-se da hipótese que, apesar de o município apresentar relativo nível de desempenho nas competições estaduais de basquetebol tradicional, o que parece ser indicativo da existência de indivíduos envolvidos de alguma maneira com o basquetebol (incluindo-se aí, suas mais variadas formas, como o basquete de rua, por exemplo), não há demanda significativa para a prática do basquete de rua dentro ou fora do contexto escolar, uma vez que não se trata de um grande centro urbano e tampouco existem no local, grandes aglomerados periféricos.

## 2 METODOLOGIA

O objetivo geral prestou-se a investigar como se apresenta o conhecimento e a utilização do basquete de rua por parte dos professores de Educação Física do município de Marechal Cândido Rondon-PR. Este município se localiza no interior do Paraná, possui cerca de quarenta e sete mil habitantes, não possui grandes aglomerados urbanos e conta com doze colégios públicos pertencentes à Rede Estadual de Ensino, sendo seis deles no município em si, considerado aqui, como região urbana, e outros seis nos distritos pertencentes ao município, entendidos aqui, como interior.

Com os objetivos específicos, buscou-se: contextualizar e problematizar o basquete de rua através de análise histórica e sociológica; verificar se o basquete de rua apresenta-se relevante em um contexto diferente dos grandes centros urbanos; investigar se e como os professores identificam a presença do basquete de rua e/ou de adeptos ao movimento *hip-hop* dentro da escola.

O primeiro passo foi teórico, caracterizado pela pesquisa histórico-sociológica, com base, sobretudo na sociologia reflexiva de Pierre Bourdieu (1983, 2004), em especial considerando as categorias de campo esportivo, oferta e demanda, *habitus* e capital (corporal) propostas pelo autor, e em autores de uma maneira geral que tratam do tema, buscando a contextualização e problematização do tema. Na parte histórica, primou-se por identificar desde o surgimento do basquete de rua nos Estados Unidos da América (EUA), até sua propagação no Brasil. Na questão sociológica, intentou-se identificar o espaço (*locus*) social em que o basquete de rua ocorre, os conceitos, significados e influências envolvidos e as inter-relações entre instituições (sobretudo mídia, empresas de materiais esportivos – investidores –, organizações sociais e o movimento *hip hop*), e agentes, notadamente os praticantes, admiradores e atletas profissionais. Em complemento, buscou-se argumentar sobre a possibilidade de apropriação do basquete de rua como objeto/conteúdo da Educação Física escolar.

O segundo passo compreendeu pesquisa descritiva, de caráter quantitativo, buscando-se estabelecer as relações entre o basquete de rua e a realidade específica estudada. A população estudada é composta por professores de Educação Física do ensino fundamental e médio e a amostra consistiu em onze professores (N = 11), sendo o critério para seleção, a atuação profissional em colégios da zona urbana do município (N = 6); 100% dos colégios e 39,28% dos professores nessas condições foram selecionados, sendo que, em cada colégio, ao menos um professor de cada ano escolar foi entrevistado.

Quanto ao instrumento de coleta de dados, optou-se pela utilização de questionário elaborado exclusivamente para a pesquisa, sendo o mesmo avaliado, corrigido e aprovado por dois professores mestres da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Este instrumento utilizou-se de seis perguntas fechadas e sete perguntas abertas agrupadas em quatro blocos de análise, sendo os mesmos, respectivamente: dados básicos a respeito do entrevistado; conhecimento, utilização e identificação de demanda a respeito do conteúdo “jogos esportivos coletivos”; conhecimento, utilização e identificação de demanda a respeito do basquete de rua; conhecimento, utilização e identificação de demanda a respeito do movimento social *hip-hop*.

A coleta de dados ocorreu durante o último bimestre de 2011 mediante o agendamento prévio, respeitando a disponibilidade de cada professor. A aplicação foi personalíssima a cada participante, exceto quando a própria escola preferiu que um de seus agentes aplicasse.

Todos os participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, que os deixou plenamente cientes de seu livre direito de participação, abandono e anonimato.

De posse dos dados coletados, a quantificação foi realizada por meio do *software* da *Microsoft* (Excel 2010), utilizando uma tabulação simples das perguntas fechadas e uma categorização de respostas para as perguntas abertas. Este último procedimento tomou como base, a proposta de Bardin (1977) para análise de documentos e levou-se em consideração, sobretudo, a quantidade de vezes que cada resposta foi dada e as possíveis aproximações entre diferentes respostas. Para o processo estatístico de análise, as ferramentas estatísticas utilizadas foram: soma, média, porcentagem e desvio-padrão.

Como limitação da pesquisa, apresenta-se o fato de o diagnóstico ter sido realizado somente com professores e não com alunos, procedimento que pode ser realizado em momento futuro, com intuito de confrontar os dados com os aqui apresentados e tornar o estudo mais completo.

### 3 CONTEXTUALIZAÇÃO/PROBLEMATIZAÇÃO ACERCA DO BASQUETE DE RUA

O basquetebol tem seu surgimento no período de 1890, nos EUA, sendo praticado e difundido inicialmente pelas elites econômicas, compostas, sobretudo, pela população de origem européia e pele branca. Dentro da própria evolução e institucionalização do esporte, fenômenos comuns ao esporte moderno (BOURDIEU, 1983, 2004), o basquetebol adquiriu certos padrões de estilo de jogo, comportamentos e utilização do corpo, adquiridos e propagados pelos jogadores formados em escolas e clubes tradicionais (SILVA; CORREIA, 2008; DOMINGUES; CRUZ; MARCHI JUNIOR, 2005).

Uma vez que os escolas, clubes e ligas não eram acessíveis aos jogadores provindos de classes economicamente inferiores, sobretudo os afro-descendentes, restava a esses praticantes, a prática informal em espaços públicos, ou o desenvolvimento de ligas não-oficiais. Nesses espaços, predominava o caráter lúdico do jogo, com a liberdade de movimentos e improvisação, o que era pouco admitido nos espaços formais (SILVA; CORREIA, 2008).

Deve-se levar em consideração que, como afirma Bourdieu (1983, 2004), a utilização do corpo em diferentes classes sociais, ou mais precisamente, em cada *locus* (espaço) social, se apresenta diferente das demais e eivada de características e perspectivas comuns àquele *locus*, diretamente influenciadas pelo *habitus* (sistema de disposições estruturadas e estruturantes da forma de ser de cada um – segunda natureza ou natureza social humana).

Dessa forma, se percebe que notoriamente o basquete de rua, ao seu início, caracterizava-se tão simplesmente pela prática do basquetebol em espaços informais, possibilitando liberdade de movimento e adaptações às possibilidades de prática em cada momento.

Quando, ao longo da história, devido a processos civilizadores da sociedade como um todo, abre-se os espaços formais restritos à população em geral, inicia-se uma confluência entre os praticantes formais e informais. A partir do momento em que esta inter-relação passa a existir, tanto dentro quanto fora de quadra, as situações se modificam, uma vez que o basquetebol passa a despertar interesse de uma maior gama da população, em forma de admiradores (BOURDIEU, 2004).

Segundo Domingues, Cruz e Marchi Junior (2005), a partir da década de 50, com a abertura dos espaços tradicionais à população em geral, o basquetebol nos EUA passa por uma grande transformação em termos de estilo de jogo, sobretudo em relação à utilização do corpo, através do desenvolvimento de um novo capital físico/corporal.

Esta transformação, que tornou o jogo mais dinâmico e mais atraente para quem assistia, sobretudo devido a movimentos (jogadas) até então jamais vistos (como a enterrada, por exemplo), contribuiu significativamente para a espetacularização do basquetebol, atingindo um público cada vez maior, mais heterogêneo e sem necessariamente possuir conhecimentos prévios mais profundos em relação ao basquetebol.

Na medida em que o que é divulgado pelos meios de comunicação de massa são as ações extraordinárias do corpo, e a eles são atribuídos valores éticos, estéticos e comerciais, estes passam a ser referência para aqueles que jogam o basquetebol, tanto nos campeonatos formais quanto fora deles, no formato do streetball (DOMINGUES; CRUZ; MARCHI JUNIOR, 2005, s/p).

Dessa forma, a mídia, percebendo o potencial mercadológico representado pelo basquetebol, agora possível de ser praticado de maneira irrestrita pela população, passa não apenas a transmiti-lo, mas também, a atrair investidores interessados em associar sua marca (DOMINGUES; CRUZ; MARCHI JUNIOR, 2005).

Como afirma Rodrigues (2002, p. 23):

O papel dos meios de comunicação como produtores e transmissores da informação e do entretenimento, devido a sua capacidade e necessidade de construir e vender imagens e símbolos, interferem na formação de opiniões e em mudanças ou modelos de comportamentos e de organização do cotidiano social.

Assim, ao se utilizarem do basquetebol como negócio, mídia e investidores priorizam a divulgação das ações extraordinárias realizadas pelos atletas de elite, tornando tais ações como referência de jogo, mas, ao mesmo tempo, estabelecendo uma distância entre a prática possível dos não atletas (telespectadores) e a prática dos atletas profissionais (DOMINGUES; CRUZ; MARCHI JUNIOR, 2005).

Uma vez que há esse distanciamento entre o capital corporal e do próprio *habitus* (na forma de estilo de vida, condição econômica, etc.) dos atletas profissionais e dos praticantes iniciantes, abre-se espaço para que novas referências surjam (um praticante informal com grande habilidade de jogo, por exemplo), permitindo uma maior proximidade de capitais corporais entre praticantes mais e menos experientes (DOMINGUES; CRUZ; MARCHI JUNIOR, 2005). Quando mídia e grupos investidores percebem tal comportamento, encontram no basquete de rua um instrumento importante de ações mercadológicas. Campanhas publicitárias de empresas de materiais esportivos, com maior ou menor apoio da mídia, a partir de então, passam a influenciar o *locus* social do basquetebol, sobretudo informal, mundo afora.

Ações como a organização de campeonatos de basquete de rua, criação de equipes competitivas que realizam apresentações e/ou desafiam equipes locais em viagens pelos países, divulgação na televisão e internet, de programas e imagens das ações extraordinárias de jogo e dos eventos de uma maneira geral, entre outras, passam a ser objeto daqueles que desejam obter lucro e/ou propagar sua imagem em meio à população específica de admiradores do basquetebol, com a vantagem de estarem mais próximos dos mesmos, “falando sua mesma língua”, diferentemente do que acontece com a transmissão do basquetebol tradicional (DOMINGUES; CRUZ; MARCHI JUNIOR, 2005).

A partir das adaptações dos meios de comunicação visando atrair essa população específica, aproximando admiradores aos “novos” ídolos (jogadores “profissionais” de basquete de rua), identifica-se uma ruptura no campo do basquetebol, uma vez que o tradicional não deixa de ser praticado e transmitido, mas, ao mesmo tempo, uma nova prática surge, ou seja, um basquetebol que não se caracteriza apenas como o basquetebol tradicional praticado de maneira informal, mas sim, um basquetebol diferente, com signos, modos de utilização do corpo, estilos e *habitus* de uma maneira geral, diferentes.

A título de exemplo dessas diferenças, pode-se citar tanto a própria dinâmica do jogo, em que o basquetebol tradicional apresenta como fim a obtenção da cesta, sendo as ações motoras (técnicas), utilizadas como meio para a conquista do objetivo principal e o basquete de rua, por sua vez, presta-se primeiramente à execução de ações corporais e malabarismos com bola, sendo a cesta relegada a segundo plano, quanto em relação ao *habitus*, onde, sobretudo, há uma relação muito forte do basquete de rua com o movimento *hip hop* (postura de protesto, vestimentas, música de fundo durante os jogos, etc.) (DOMINGUES; CRUZ; MARCHI JUNIOR, 2005; JESUS; VOTRE, 2012; DUARTE, 2010).

Dessa forma, então, o basquete de rua passa a se apresentar como uma prática em si, desvinculada do basquetebol tradicional e, mais do que isso, militante em se fazer ver e entender, diferente do basquetebol tradicional. Ao basquete de rua, também por forte influência midiática, mas, ao mesmo tempo, pela identificação de admiradores provindos de classes periféricas - que, como já acontecia no passado, continuam tendo acesso restrito aos espaços de prática formal tradicional, como por exemplo, os clubes esportivo-sociais - estabelece-se uma forte ligação com o movimento *hip hop*, uma vez que

este está presente sobremaneira em meio às classes economicamente menos favorecidas, principalmente em comunidades periféricas de grandes centros urbanos (JESUS; VOTRE, 2012; DUARTE, 2010).

Havendo essa ligação, instituições de apoio social, como a Liga Urbana de Basquete (LUB) e a Central Única das Favelas (CUFA) passam a exercer papel significativo tanto na divulgação do basquete de rua, quanto na afirmação de suas ligações com o *hip hop* (SILVA; CORREIA, 2008; JESUS; VOTRE, 2012). As ações dessas instituições consistem, sobretudo, em organizar campeonatos de basquete de rua e o difundir como um dos componentes do *hip hop*, ressignificando sua prática, não apenas como esporte, mas, sobretudo, como uma forma de protesto e demonstração de insatisfação com as diferenças sociais (DUARTE, 2010).

No entanto, a grande diferença do basquete de rua atual para o basquete de rua original, é que o segundo se pretende como prática do basquetebol tradicional por quem não tem ou não quer ter acesso aos espaços formais, apresentando, neste caso, capitais corporais próximos ao do jogo tradicional, mas, ao mesmo tempo, fortemente influenciados pela liberdade lúdica permitida pela falta de institucionalização, enquanto o primeiro pretende-se diferente do basquete formal, não apenas em relação à uma utilização peculiar do corpo, mas também, em relação às regras do jogo e condutas sociais a serem seguidas.

Jesus e Votre (2012, p. 945-946) ao investigar a prática do basquete de rua (ou basquetebol tradicional praticado informalmente – os próprios autores acabam identificando contradições entre as duas formas de prática), na cidade do Rio de Janeiro, identificaram situação prática que ilustra tais proposições:

[...] a idéia de basquete livre, para eles [**praticantes – complemento nosso**], traduz-se em um basquete onde a regra existe, mas há a alternativa de ajustá-la a cada jogada. Portanto, a percepção de basquete de rua para esses praticantes é o basquete que eles jogam, onde raramente aparece uma jogada característica do basquete de rua, como a caneta, o apagão ou *crossover*, e predominam as jogadas oriundas do basquete tradicional, que visam à cesta.

A grande chave da problematização se encontra no fato de que, ao se pretender diferente do basquetebol tradicional, o basquete de rua atual assume regramentos, posturas, significados e formas de jogo (“jogadas” da citação acima, por exemplo) que o caracterizam como uma manifestação esportivo-cultural em si, como realmente pretende, mas, ao mesmo tempo, acaba perdendo o caráter lúdico e de liberdade de movimento e expressão que assumia como principal característica, em detrimento da obrigatoriedade de seguir códigos e movimentos padronizados e exigidos para sua prática. Ou seja, deixa de ser a simples prática informal e lúdica do basquetebol tradicional e passa a ser uma prática independente, com suas próprias regras, representando um processo de institucionalização, ainda que tácita. Quebra com o tradicionalismo do basquetebol, mas cria seu próprio tradicionalismo.

Explica-se: para se diferenciar do basquetebol tradicional, o basquete de rua se auto-afirma como uma prática em que, por exemplo, aquilo que mais importa não é fazer cestas, mas sim, realizar de maneira livre, movimentos plásticos de habilidade com bola, jogar com o gingado do *break*, ou ainda, fintar ou mesmo enganar o adversário, sempre com o jogo ao som do *hip hop*. No entanto, ao assumir tais características, automaticamente, está adotando um código de regulamentação que deve ser respeitado pelos praticantes, assim como acontece com as modalidades esportivas institucionalizadas. Além desse código de conduta, as próprias organizações de campeonatos oficializam regras, padrões de estruturas (dimensão da quadra, altura e formato da tabela, etc.), critérios para participação, etc., que devem ser universalizados para que instituições/praticantes de diferentes localidades possam jogar uns contra os outros (SILVA; CORREIA, 2008). Todas essas razões denotam um perfil de regramento e institucionalização da prática, em detrimento da ludicidade. Subjuga-se a informalidade em detrimento da regulamentação e formalização em prol de uma militante independência.

Processo semelhante foi percorrido por outros jogos, que surgiram como variação de um esporte tradicional e acabaram se estabelecendo como novas modalidades esportivas (PAES; MONTAGNER; FERREIRA, 2009; SCAGLIA, 2011). São exemplos de bastante popularidade, o futsal, o voleibol de areia, o futevôlei e o basquetebol três contra três, que se caracteriza pela prática em meia quadra do tradicional, com os três praticantes de cada equipe atacando e defendendo a mesma tabela (cesta). A oficialização dessa modalidade, ainda, parece representar justamente a tentativa da Federação Internacional de Basquetebol (FIBA), de institucionalizar a forma de prática mais comum do meio informal (seja basquetebol praticado informalmente, seja basquete de rua), que é justamente o três contra três em meia quadra.

Essa institucionalização pode ser analisada sob dois aspectos: ou é uma tentativa de oficialização e institucionalização expressa do próprio basquete de rua, ou, ao contrário, é uma tentativa de oficialização do basquetebol praticado informalmente, estabelecendo-se assim, mais contundentemente, os limites de cada tipo de prática. Ou seja, neste último caso, estaria representada, ainda que tacitamente, uma postura expressa da FIBA de reconhecimento do basquete de rua como prática em si, independente do basquetebol tradicional e não simplesmente como sua manifestação informal.

Entendido sob a ótica de independência, o basquete de rua, assim com as modalidades esportivas tradicionais, para existir, precisa não apenas de praticantes (demanda), mas também, de oferta (BOURDIEU, 2004). Se na prática tradicional a oferta é realizada por clubes, federações, etc., na prática do basquete de rua, a oferta se apresenta diferente (mas também institucionalizada), através do estímulo dado pela mídia, pela organização das instituições sociais e até poder público. Quando mídia e organizações sociais perdem interesse pela divulgação/oferta, e uma vez que o basquete de rua assumiu para si códigos que vão além da simples prática livre e informal, é possível que o número de praticantes seja notoriamente reduzido (JESUS; VOTRE, 2012).

Segundo Jesus e Votre (2012), nos últimos anos, sobretudo em relação à proximidade da Copa do Mundo do Brasil de futebol de 2014, as instituições sociais deixaram de fomentar o basquete de rua, concentrando seus esforços em projetos relacionados ao futebol. Ao mesmo tempo, mídia e grupos investidores vêm diminuindo suas ações em função do basquete de rua. Segundo os próprios autores, uma queda no número de praticantes e na própria popularidade do basquete de rua tem sido percebida.

Importante se apontar, que a visibilidade gerada pela Copa do Mundo realizada no país, somada à identificação já existente do povo brasileiro com o futebol, a ponto de ser identificado como fenômeno cultural, incentiva ainda mais os meios de comunicação e instituições relacionadas ao esporte em geral (públicas, privadas, sociais, de marketing, etc.), a dirigir sua atenção e esforços em prol desta modalidade, relegando outras (sobretudo as menos tradicionais) a segundo plano (COLETIVO DE AUTORES, 1992; DA MATTA, 2006; JESUS; VOTRE, 2012).

Vista a problematização acerca do basquete de rua, procurando contextualizá-lo como uma manifestação diferente e mais complexa do que a prática informal do basquetebol tradicional, e considerando a relevância que adquiriu e exerce no meio social, sobretudo nos grandes centros urbanos, objetiva-se neste momento, relacioná-lo com o ambiente escolar, uma vez que este pode ser considerado um dos espaços próprios para inserção e debate de conteúdos/temas emergentes (BRASIL, 1998; SÁ; MYSKIW, 2009; DUARTE, 2010).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), o ensino do esporte no contexto escolar deve ser pautado em três dimensões: a conceitual, que se preocupa com fatos, conceitos e princípios; a procedimental, relacionada ao “fazer” em si; e a atitudinal, que abrange normas, valores e atitudes. Além disso, nos próprios PCN’s (1998), o ensino esportivo não deve ficar restrito às modalidades

esportivas tradicionais, e sim, abordar variadas modalidades esportivas, ampliando a formação motora do praticante e também, sua compreensão sobre o campo esportivo e suas interrelações (BOURDIEU, 1983, 2004; SÁ; MYSKIW, 2009; OLIVEIRA; ALBUQUERQUE, 2011).

Seria, dessa forma, um contributo para superação do tradicionalismo presente no ensino esportivo dentro da escola. Para Duarte (2008) e Domingues, Cruz e Marchi Junior (2005), ainda, mais do que inserir o basquete de rua na escola como uma nova modalidade esportiva, se o faria como forma de socialização de um bem esportivo-cultural, realizando as devidas mediações entre o *habitus* dos alunos e o que é propagado pela mídia, uma vez que os autores identificam a manifestação espontânea do basquete de rua dentro do contexto escolar, não necessariamente adotado como conteúdo por professores, mas sim, verificado na própria prática dos alunos em momentos informais. Importante frisar que ambos os trabalhos foram realizados em grandes metrópoles - Salvador-BA e Curitiba-PR, respectivamente.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas respostas obtidas no primeiro bloco, cujo objetivo era conhecer o participante da pesquisa, constatou-se que dos professores entrevistados 72,73% lecionam para o oitavo ano e 63,64% ministram aulas para o nono ano. Com relação ao tempo de atuação profissional, a média geral ficou entre 16 e 17 anos [ $16,45 \pm 8,15$  (2-27)]. Quanto à localização dos colégios, todos presentes na área urbana, observou-se que mais de 83% deles se localizam na região central do Município.

No segundo bloco, referente à utilização dos jogos esportivos coletivos nas aulas (Figura 01), identificou-se que o futsal, voleibol e handebol são mais utilizados em aulas, seguido do basquetebol. Na categoria “outros”, foram citadas muitas atividades que não se apresentam como jogos esportivos coletivos, tais como jogos de mesa em geral, jogos cooperativos e atletismo, por exemplo. Qualquer outro jogo esportivo coletivo não foi citado.

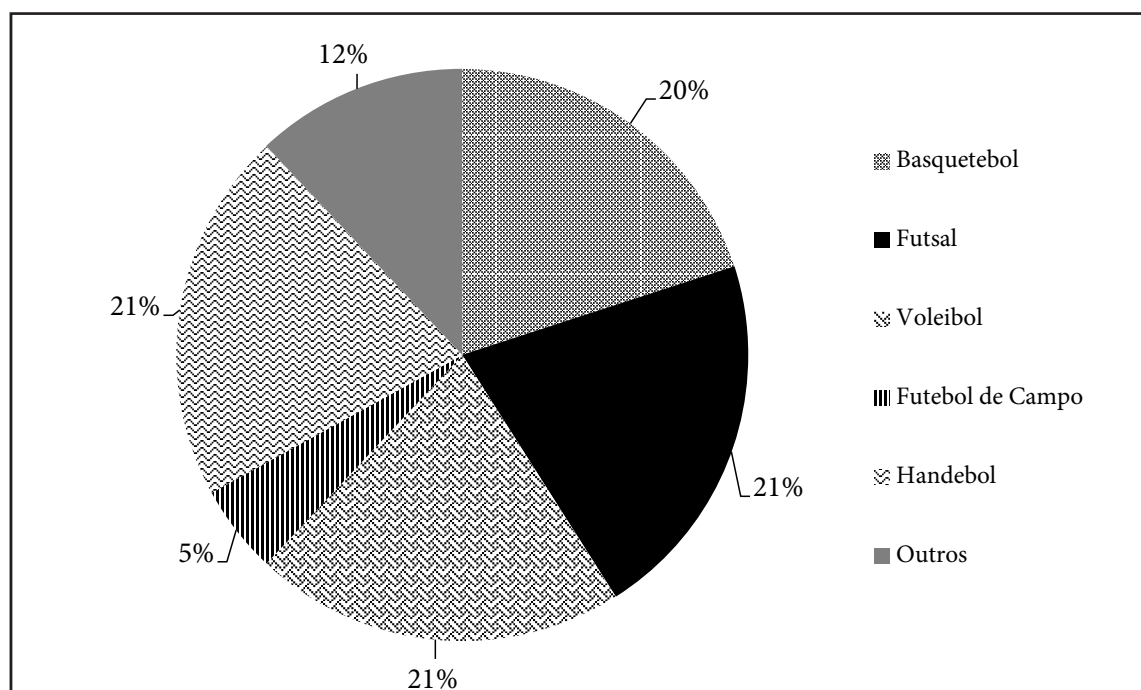


Figura 01 - Utilização dos jogos esportivos coletivos pelos professores.



Em pesquisas realizadas em ambiente escolar, visando o ensino de novos esportes e de esportes tradicionais de uma forma alternativa, Sá e Myskiw (2009) e Oliveira e Albuquerque (2011), concluíram que é possível sim uma transformação didático-pedagógica do ensino dos esportes na Educação Física; enfatizaram que os implementos necessários para tais práticas esportivas quando não disponíveis, podem ser criados e/ou adaptados e que o ensino pode ser realizado respeitando as dimensões conceitual, procedimental e atitudinal; os autores destacaram que houve boa aceitação por parte dos alunos. Tal concepção é corroborada por Betti (1999).

No entanto, segundo as respostas dos professores entrevistados a esse respeito, percebeu-se que parece não haver propensão à utilização de esportes não-tradicionais, como o proposto pelos autores supracitados. Tal constatação foi possível devido à ausência de menção por parte dos professores, a qualquer esporte não tradicional. Betti (1999), Romão e Duarte (2006) e Martinelli *et al.* (2006), identificaram também, a prevalência de utilização das modalidades tradicionais no contexto escolar. Os últimos autores citados, inclusive, identificaram ser a repetição dessas atividades, como principal causa de desmotivação de alunas para participação nas aulas de Educação Física. No entanto, os professores participantes da presente pesquisa não foram indagados em relação a questões metodológicas e/ou a respeito de possíveis modificações/ressignificações utilizadas para práticas tradicionais.

Com relação à percepção dos professores sobre a predileção dos alunos, em termos de jogos esportivos coletivos, pôde ser constatado que o futsal detém a preferência dos alunos, seguido pelo voleibol. As demais modalidades foram pouco citadas. A preferência por parte dos alunos corrobora com as afirmações de Marchi Júnior (2004), Darido (2003) e Romão e Duarte (2006) segundo as quais, o futebol (sendo o futsal uma de suas vertentes) e o voleibol são modalidades esportivas detentoras da hegemonia da preferência nacional, o que se deve, em grande parte, à influência da mídia. Domingues, Cruz e Marchi Júnior (2005), apontam, inclusive, para a necessidade de se levar em conta o potencial educativo apresentado pela mídia e, ao mesmo tempo, a necessidade de se desmistificar as informações veiculadas, tanto para os alunos, quanto para os professores.

Darido (2004), Sá e Myskiw (2009), Betti (1999) e Martinelli *et al.* (2006), afirmam que o esporte utilizado nas aulas de Educação Física pode ser alienante se ficar restrito às modalidades esportivas hegemônicas. No entanto, no contexto aqui estudado, o fato de futebol (ou futsal) e voleibol serem as modalidades esportivas de preferência dos alunos, não significou que sejam as únicas por quais estes demandam e tampouco que os professores restrinjam os conteúdos de suas aulas a tais modalidades, uma vez que aparecem em equilíbrio de utilização com handebol e basquetebol (tradicional), como apresentado no gráfico 01.

Além disso, em geral, os conteúdos utilizados pelos professores não ficaram restritos aos jogos esportivos coletivos. Quando perguntados se ministravam periodicamente algum conteúdo diferente de “jogos esportivos coletivos”, 91% dos professores entrevistados responderam que “sim”, sendo os mais citados: jogos, brincadeiras e danças.

Em relação ao terceiro bloco, a Figura 02 (na próxima página) demonstra quanto conhecimento cada professor afirma possuir a respeito do basquete de rua. Tais afirmações coadunam com as respostas do bloco anterior, em que nenhum professor citou o basquete de rua como um dos conteúdos mais trabalhados nas aulas (nem mesmo os 9% que afirmaram possuir muito conhecimento sobre a modalidade). O pouco conhecimento apresentado a respeito do tema pode advir de diversos fatores, tais como, a ausência do basquete de rua na formação inicial ou continuada dos professores, a restrição da mídia, reservada à televisão por assinatura (e que mesmo assim, não garante o contato dos professores com o tema), uma possível pequena manifestação de prática e de demanda por parte dos alunos, entre outros.

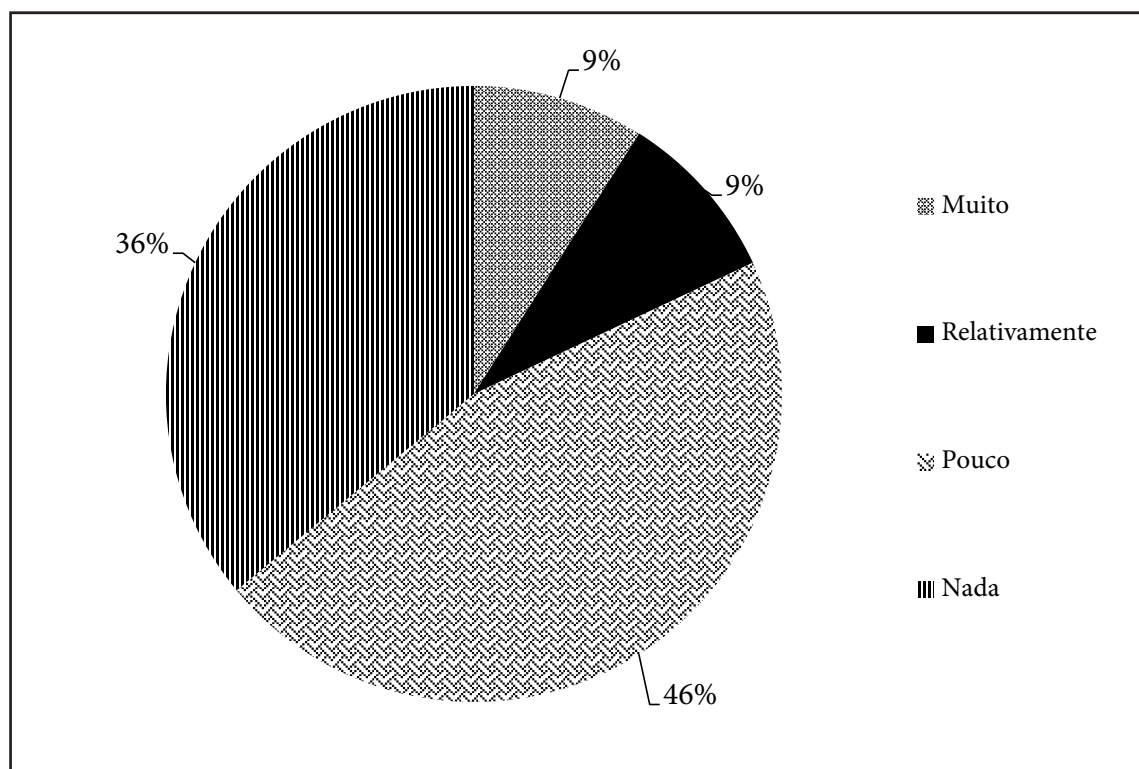


Figura 02 - Quantificação do conhecimento sobre basquete de rua.

A respeito do último fator citado, dentre os professores que afirmaram possuir algum conhecimento sobre o tema, apenas 18,18% já identificaram práticas informais por parte dos alunos dentro do ambiente escolar. Esta pouca identificação da presença informal do basquete de rua no ambiente escolar, por parte dos professores que o conhecem, pode ser entendida sob duas frentes: primeiramente, é possível que efetivamente não tenha havido qualquer manifestação informal dentro dos colégios; segundo, é possível que as manifestações tenham ocorrido, mas que não tenham sido vistas ou percebidas pelos professores. No entanto, se elas realmente não ocorrem ou ocorrem muito pouco, tornam o cenário estudado diferente do encontrado por Domingues, Cruz e Marchi Junior (2005), que identificaram marcante presença do basquete de rua durante os intervalos escolares na cidade de Curitiba, o que demonstra que as diferenças entre cenários específicos podem se estender às vivências e à própria cultura corporal das populações.

Mesmo o basquete de rua se apresentando pouco frequente no município, sob a perspectiva dos professores, 46% destes informaram que já o utilizaram ou utilizariam em suas aulas, sendo que, destes, 50% o fariam após adquirirem conhecimento sobre o tema.

Este discurso, ainda que realizado por pouco menos da metade dos entrevistados, corrobora em parte com o proposto por Sá e Myskiw (2009) e Oliveira e Albuquerque (2011), sobre a introdução do “novo” no universo da Educação Física escolar. Dentre os 54% que nunca o utilizaram e tampouco o utilizariam, as justificativas foram bastante diversificadas, abrangendo o pouco conhecimento sobre o tema, passando pela crença de que o basquete de rua despertaria pouco interesse nos alunos, até a idéia de que é um jogo que preza pelo individualismo em detrimento do coletivismo, o que iria contra as concepções de educação e socialização.

Darido (2004), a esse respeito, afirma que um tratamento contextualizado do conteúdo propicia uma aprendizagem mais significativa para o aluno, uma vez que estabelece uma relação de reciprocidade entre objeto e sujeito. Além disso, a autora aponta para potencialidade de se estabelecer uma relação entre os conteúdos e as experiências cotidianas e os conhecimentos adquiridos espontaneamente pelos alunos, transformando-os em participantes do processo de ensino-aprendizagem e não em espectadores e/ou sujeitos alienados àquilo que lhes é ensinado. No entanto, tais proposições parecem não serem passíveis de aplicação no contexto aqui pesquisado, em relação ao basquete de rua, pois sua utilização como conteúdo estaria atrelada tanto ao conhecimento dos professores sobre o tema, que se apresentou como pouco, quanto à sua percepção de demanda para tal, que também pareceu ser pouco significativa.

Já em relação ao último bloco, a respeito do *hip-hop*, 46% dos professores classificaram seu conhecimento como “relativamente” e que conseguem, de fato, identificar os adeptos ao referido movimento, sobretudo, pelas vestimentas, músicas e movimentos corporais. Quando questionados sobre a utilização de elementos do *hip-hop* em suas aulas, 54% responderam que trabalham de alguma maneira com este tópico. Afirmaram trabalhar temas relacionados à dança e à história do próprio *hip-hop*, como sugere o Livro Didático da Educação Física para o ensino médio do estado do Paraná (2006).

Tal fato demonstra uma grande abrangência do movimento sócio-cultural abordado, que, embora se caracterize como um movimento surgido e oriundo a grandes centros urbanos, parece ter se difundido de maneira geral, mesmo em localidades mais interioranas, como é o caso do município abordado nesta pesquisa. No entanto, as relações entre o movimento *hip-hop* e o basquete de rua parecem ter sido pouco significativas, uma vez que o segundo foi pouco identificado e utilizado, enquanto o primeiro, além de bastante identificado pelos professores em meio aos alunos, pôde ser considerado conteúdo de utilização pedagógica relevante.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscar se contextualizar o basquete de rua, percebeu-se que, analisando seu processo histórico, o mesmo surgiu como prática informal do basquetebol tradicional, mas foi ressignificado como prática independente, sobretudo em função de influências de instituições, como mídia, investidores e organizações sociais.

Compreendendo-se, assim, o basquete de rua atual como a prática associada ao *hip hop* e com características próprias, entende-se que, dentro do campo esportivo (BOURDIEU, 1983, 2004), acaba se apresentando relevante, uma vez que gerou uma série de interrelações que até então não existiam e influenciou também, em grande parte, o campo do basquetebol tradicional.

No entanto, ao buscar sua inserção em um contexto específico, que não se caracteriza como um grande centro urbano, identificou-se que não apresenta relevância significativa, ainda que traços do movimento *hip-hop* tenham sido identificados e que esta manifestação sócio-cultural seja passível de utilização por parte dos professores.

Dessa forma, foi possível observar que os professores de Educação Física de Marechal Cândido Rondon-PR se valem de vários conteúdos como objeto de ensino, mas, em termos de jogos esportivos coletivos, as modalidades tradicionais prevalecem, abrindo pouco espaço para práticas menos tradicionais, o que contraria o posicionamento dos autores em geral citados no trabalho, com trabalhos referentes à utilização do esporte como conteúdo da Educação Física escolar, que defendem a utilização do “novo” como instrumento de inclusão, motivação e garantia real de um legítimo processo educacional.

No contexto específico, ainda assim, considerando-se estritamente o basquete de rua, sua pouca utilização se deve a alguns motivos: os professores, em geral, não o conhecem a ponto de utilizá-lo como conteúdo em suas aulas; não o consideram relevante para tal; e não identificam demanda por parte dos alunos.

De tais motivos, podem ser tiradas algumas conclusões: primeiro, se os professores não conhecem suficientemente o basquete de rua, não o compreendem em seus aspectos históricos e em suas relações com o *hip-hop*, o que os impossibilitaria de trabalhar de maneira contextualizada e respeitando as três dimensões – conceitual, procedimental e atitudinal, como propõe Sá e Myskiw (2009) e Darido (2004).

Ao mesmo tempo, Betti (1999) e Martinelli *et al.* (2006), apontam para a necessidade de, se o professor não tiver conhecimento a respeito de determinado conteúdo, deve buscar conhecê-lo em sua formação continuada, para poder propiciar uma educação mais abrangente, menos tradicional e mais motivante para os alunos. Sob este aspecto, ainda assim, no caso concreto em pauta, menos da metade dos professores entrevistados afirmou que utilizaria o basquete de rua como conteúdo escolar, mesmo após adquirir mais conhecimento sobre o tema.

Segundo: se os professores acreditam que o basquete de rua não é relevante e/ou não atende aos objetivos educacionais, ou mesmo, percebem que não há demanda para tal, não existe motivo para que tal prática seja abordada enquanto conteúdo, uma vez que não há o que se significar ou ressignificar se não existe qualquer relação do conteúdo com o cotidiano dos alunos. Como anteriormente, o conteúdo não se apresenta relevante para utilização proposta por Sá e Myskiw (2009) e Darido (2004) e, ao mesmo tempo, não se apresenta motivante, se caracterizando como mais um conteúdo trabalhado de maneira pouco relacionada ao cotidiano dos alunos, como entendem Martinelli *et al.* (2006).

Por fim, percebe-se que a presente pesquisa corrobora com a hipótese levantada, de que efetivamente não haveria demanda para a inserção do basquete de rua no contexto pesquisado, ainda que não se despreze, de uma maneira geral, sua utilização como conteúdo escolar em realidades aonde o mesmo for relevante, de maneira contextualizada e se incorporando os conhecimentos dos próprios alunos, tornando-os também, autores do processo de ensino-aprendizagem.

## 6 REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BETTI, I. C. R. Esporte na escola: mas é só isso, professor? **Motriz**, Rio Claro, v. 1, p. 25-31, 1999.
- BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero Limitada, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Educação Física, 3º e 4º ciclos, v. 7, Brasília: MEC, 1998.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- DAMATTA, R. **A bola corre mais que os homens**: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- DARIDO, S. C. A Educação Física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 18, p. 61-80, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Educação Física na escola**: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DOMINGUES, A.; CRUZ, L.; MARCHI JÚNIOR, W. A mídia, o *street ball* e o *habitus* esportivo: um ensaio sobre a relação de proximidade e influência da mídia nas disposições para agir em quadra. 25. CONGRESSO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGIA. **Anais...** Porto Alegre, 2005, s/p.

DUARTE, R. J. B. O basquete de rua como manifestação da cultura corporal étnica em Salvador. **África e Africanidades**, Rio de Janeiro, v. 8, s/p, 2012.

JESUS, A. C. A.; VOTRE, S. Basquete de rua na cidade do Rio de Janeiro. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 4, p. 936-950, 2012.

MARCHI JÚNIOR, W. **“Sacando” o voleibol**. São Paulo: Hucitec; Ijuí: UNIJUÍ, 2004.

MARTINELLI, C. R.; MERIDA, M.; RODRIGUES, G. M.; GRILLO, D. E.; SOUZA, J. X. Educação Física no ensino médio: motivos que levam as alunas a não gostarem de participar das aulas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 5, p. 13-19, 2006.

OLIVEIRA, V. D.; ALBUQUERQUE, L. R. Esportes complementares na Educação Física escolar do ensino médio. 10. CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Anais...** Curitiba, 2011. p. 5179-5191.

PAES, R. R.; MONTAGNER, P. C.; FERREIRA, H. B. **Pedagogia do esporte: iniciação e treinamento em basquetebol**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Livro Didático Público - Educação Física: ensino médio**. Curitiba: SEED, 2006.

RODRIGUES, E. F. **Esporte-Espectáculo na Sociedade: tendências e influências dos meios de comunicação e a pedagogia do esporte**. Monografia (Conclusão de Curso) - Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

ROMÃO, A. C. L.; DUARTE, A. C. G. O. A possível influência da mídia na escolha do esporte como conteúdo de aula pelos professores de Educação Física do ensino médio. 1. SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. **Anais...** São Carlos, 2006. s/p.

SÁ, J. J.; MYSKIW, M. Transformação didático-pedagógica e o ensino de novos esportes no ensino médio: um relato de experiência. **Caderno de Educação Física**, Marechal Cândido Rondon, v. 8, n. 14, p. 87-98, 2009.

SCAGLIA, A. J. **O futebol e as brincadeiras de bola: a família dos jogos de bola com os pés**. São Paulo: Phorte, 2011.

SILVA, C. A. F.; CORREIA, A. M. Espectáculo e reflexividade: a dimensão estética do basquete de rua. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 1, p. 107-122, 2008.

---

Autor correspondente: **Felipe Canan**

E-mail: **felipe.canan@gmail.com**

Recebido em 21 de junho de 2013.

Aceito em 23 de agosto de 2013.

